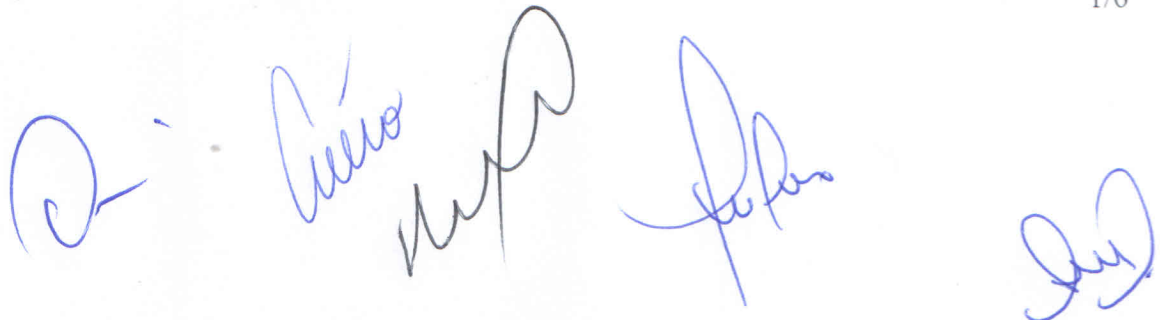
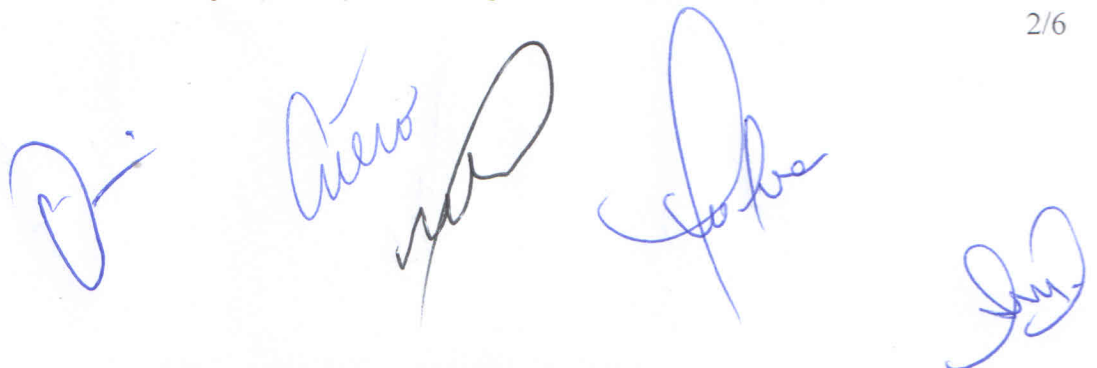


Ata da **REUNIÃO ORDINÁRIA do Comitê de Investimentos** do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU, realizada aos treze dias do mês de maio de dois mil e quinze, às nove horas, na sala de reuniões da sede do IPMU, onde compareceram os membros, conforme Portaria IPMU nº 039/2014: Cícero José de Jesus Assunção, Flávio Bellard Gomes, Osieo Hecher, Silvia Moraes Stefani Lima e Sirleide da Silva. Aberta a reunião, os membros do Comitê de Investimentos passaram a analisar o **Relatório das Aplicações Financeiras**, conforme processo IPMU/043/2015. O mês de abril foi marcado pela percepção da diminuição do risco, o que levou os ativos financeiros negociados no mercado brasileiro a forte recuperação nos preços. Destaque para a divulgação do balanço da Petrobrás, referente ao 3º e 4º trimestres de 2014, causando um efeito de redução de risco de crédito do país. A safra de dados negativos nos EUA permitiu o crescimento da avaliação que o início do ajuste da taxa básica de juros pode ser postergado para o próximo ano. Esses fatores, somados à alta nos preços das commodities, favoreceu o ingresso de capitais em emergentes, nos quais as bolsas apresentaram excepcional performance. **Estados Unidos.** O Comitê de Mercado Aberto do Federal Reserve deixou em aberto início do processo de normalização da política monetária. No 1º trimestre de 2015 a economia dos EUA cresceu apenas 0,2%, ficando abaixo da expectativa do mercado e da variação registrada no último trimestre. Considerando isso, o FED manteve a taxa básica de juros entre zero e 0,25% ao ano, e avaliou que essa atividade fraca se deve a choques transitórios, o que não modifica a avaliação sobre a trajetória de recuperação moderada da economia. O dado do PIB corrobora o que os outros dados de atividade (como produção industrial, gastos com consumo pessoal e vendas no varejo) já estavam mostrando, que era uma atividade surpreendentemente fraca no início do ano nos EUA. **Zona do Euro.** A inflação segue em baixa e a confiança indica recuperação gradual da atividade. Com os bons indicadores de atividade, os rumores em relação ao término mais cedo do novo programa de compras de ativos pelo Banco Central Europeu aumentaram, mas o presidente do BCE reafirmou a importância da continuidade do programa para a consolidação da recuperação e indicou que o programa de compras de ativos não será alterado. O fluxo de boas notícias vindas da atividade econômica foi mantido. A inflação, embora esteja no campo positivo (abril ficou em 0,20%), permanece extremamente baixa, e o risco de deflação ainda ameaça a autoridade monetária da Zona do Euro. Mesmo as negociações entre a Grécia e o Eurogrupo, que ainda não convergiram a uma solução, não tem representado um risco relevante para a recuperação da Europa, na visão dos investidores. **China.** O crescimento do PIB do primeiro trimestre de 7% confirmou as expectativas do mercado de desaceleração da atividade no país. Apesar do desempenho favorável da economia no primeiro trimestre, os dados de atividade março surpreenderam negativamente, gerando mais incerteza com relação ao grau de desaceleração no país. Diante dessa dinâmica, o governo tem adotado medidas para estimular a economia. Os resultados fracos da expansão econômica obrigaram o Banco do Povo da China a anunciar um corte de um ponto percentual no depósito compulsório das instituições financeiras comerciais. O corte significou o compromisso do governo chinês em estimular o crédito enquanto a economia demonstra desaceleração. **Japão.** Houve frustração com os dados de atividade no primeiro trimestre do ano: indústria passando para o terreno contracionista e a inflação recuando acima do esperado. Diante deste cenário, o Banco Central Japonês postergou a meta de inflação de 2,0% de meados do ano fiscal de 2015 para o primeiro semestre do ano fiscal de 2016. Com isso, o BOJ ganha tempo para alcançar a meta de inflação, o que traz dúvidas com relação ao cenário de um relaxamento monetário adicional em meados deste ano. **Brasil.** Em termos de atividade, os dados mostraram que a desaceleração da economia se aprofundou e já afeta o mercado de trabalho. A economia brasileira encontra-se mergulhada na mesma crise de confiança que levou a contração da atividade no segundo semestre do ano passado. Os indicadores de confiança, tanto dos empresários como dos consumidores, encontram-se nos mais baixos patamares desde a crise internacional de 2008. Riscos de racionamento devido a forte escassez de chuvas, crise política, menor criação de crédito e enfraquecimento do mercado de trabalho estão na base do mau humor de empresários e consumidores brasileiros. A produção industrial permanece em



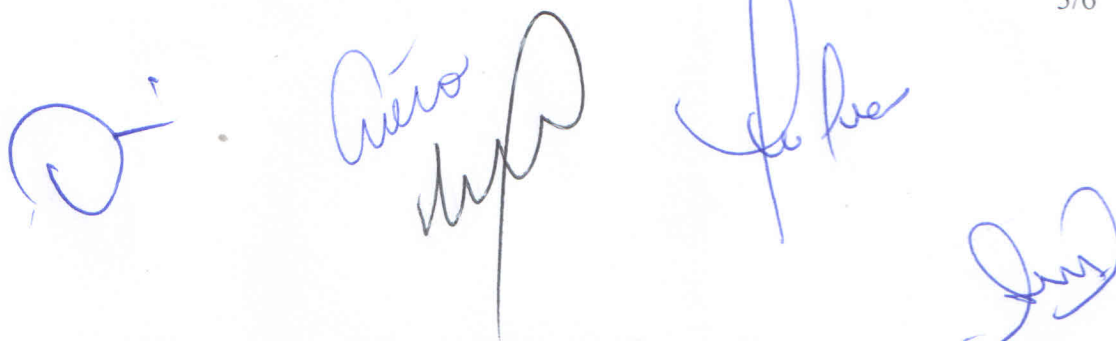


queda, devendo registrar recuo de 5,6% no primeiro trimestre na comparação com igual período de 2014. O aumento do desemprego já resulta em menores altas salariais, o que deve produzir contração real da massa de salários da economia, nos próximos meses. O consumo perde fôlego. O PIB brasileiro deve registrar queda, reflexo da deterioração dos fundamentos econômicos (juros reais elevados, aperto fiscal, baixa geração de crédito, energia elétrica mais cara, efeitos Lava Jato) limitando a expansão de oferta de demanda, empurrando a economia para recessão. A economia brasileira deverá fechar 2015 com retração de 1,5% na comparação ao ano anterior. **Inflação.** A inflação medida pelo IPCA desacelerou para 0,71% em abril, ante 1,32% em março. Apesar disso, a taxa acumula alta de 4,56% no ano e ultrapassa, em apenas quatro meses, o centro da meta de inflação estipulada pelo governo. Na leitura mensal, o avanço de 0,71% é o maior para o mês desde 2011. Já a alta de 8,17% em 12 meses é a maior desde dezembro de 2003, enquanto o aumento de 4,56% no ano é o mais intenso para o período desde 2003. A meta oficial de inflação é de 4,5%, com margem de dois pontos percentuais para cima ou para baixo. O próprio Banco Central já admitiu que a taxa de 2015 irá romper o teto da meta e fechar o ano em 7,9%. Analistas do mercado financeiro esperam que o IPCA encerre 2015 em 8,26%. **Juros.** Ao repetir o mesmo comunicado das duas últimas reuniões, o Copom decidiu, por unanimidade, elevar a taxa Selic em 0,50 p.p., para 13,25% a.a., sem viés. O Copom sinaliza que todas as portas continuam abertas, inclusive a porta da continuidade do aperto monetário no mesmo passo de 50 pontos-base. Por enquanto, o Banco Central tem se mantido firme no discurso de que seu objetivo é trazer o IPCA de 2016 para 4,50%. Nesse sentido, ganha importância as expectativas de inflação para o ano que vem. O comunicado condicionou a próxima decisão de juros aos dados econômicos. O entendimento dominante do mercado foi que o Banco Central ainda não terminou o ciclo de aperto monetário, que poderá aumentar a taxa e que não está disposto a voltar a baixar a Selic tão cedo. **Câmbio.** O dólar desvalorizou-se globalmente em abril, e o real foi a moeda que mais se beneficiou deste movimento, valorizando-se 7,2% no mês. Também ajudou o câmbio o recuo do risco-país, com a publicação do balanço auditado da Petrobras e a recuperação parcial dos preços do petróleo e do minério de ferro. A sinalização da continuidade do aperto monetário contribuiu para a queda do dólar, uma vez que torna as aplicações em renda fixa mais atrativas para os investidores estrangeiros devido ao diferencial de juros. O patamar atual (R\$ 3,00 - R\$ 3,10) já precifica o nível de risco corrente, razão pela qual os analistas financeiros avaliam que o câmbio deve estabilizar-se neste patamar por um tempo. Enquanto nos EUA os últimos dados econômicos apontaram para uma redução no crescimento do país, por aqui o ambiente mostrou um avanço no rumo do ajuste fiscal. **Renda Variável.** As ações brasileiras tiveram expressiva valorização em abril. A divulgação do balanço da Petrobras trouxe otimismo para os ativos brasileiros, levando o Ibovespa a apresentar uma alta de 9,93%, aos 56.229 pontos. O investidor estrangeiro segue como o grande comprador e a entrada de recursos na bolsa brasileira atingiu aproximadamente 17 bilhões de reais durante o ano sendo 8 bilhões só em abril. Após cinco meses de espera o balanço da Petrobras saiu e mostrou o pior resultado de uma empresa de capital aberto dos últimos tempos, entre baixas contábeis por corrupção e desvalorização de ativos. No entanto, a transparência nos números foi bem recebida pelo mercado, com números considerados realistas. As ações da estatal fecharam o mês com valorização de quase 50%. A entrada de capital externo é uma das razões da alta consistente do Índice Bovespa. Analistas viram investidores comprando ações para recompor carteiras que haviam sido desfeitas. Novas altas dependerão de sinais mais concretos de melhora da economia interna e principalmente de nenhuma surpresa quanto a uma antecipação do aperto monetário norte-americano, ao mesmo tempo em que o câmbio já não é mais tão favorável. **Renda Fixa.** Em abril, dados fracos de atividade norte-americana levantaram dúvidas quanto ao vigor da recuperação da economia americana. Dessa maneira, as expectativas para o início do ciclo de alta de juros foram postergadas mais para o final do ano e o dólar se desvalorizou frente praticamente todas as moedas do mundo. No cenário doméstico, o principal fato relevante foi a reunião do Comitê de Política Monetária que elevou a taxa básica de juros para 13,25% enquanto o mercado começava a precificar a possibilidade de redução do ritmo de alta de juros. O mercado segue tentando antecipar quando será o final





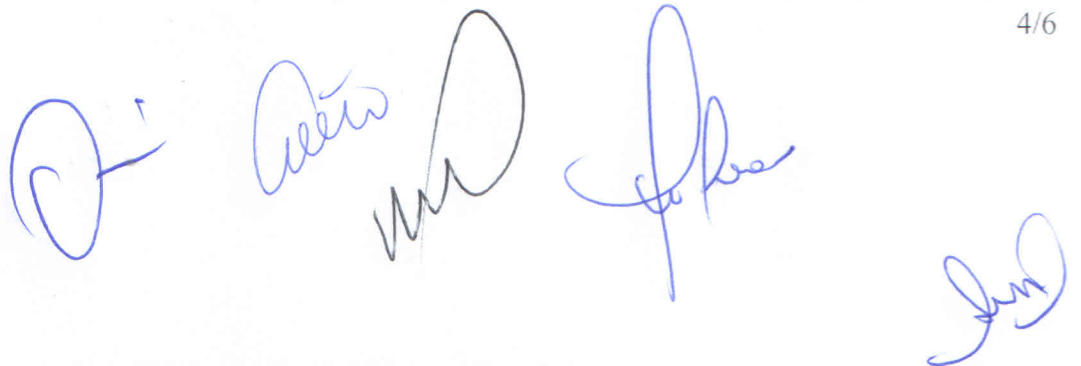
deste ciclo de alta de juros, que segue dependente dos indicadores de inflação, atividade e mercado de trabalho. No mercado de juros futuros a recuperação dos preços foi sustentada pela queda do dólar no mercado à vista. Dentre os investimentos de renda fixa, destaque positivo para as NTN-Bs com prazo de vencimento mais longos. **DI.** Os fundos referenciado DI em função do seu baixo risco e por conservadorismo é uma boa opção, pois, acompanha a possível elevação da taxa de juro referencial (SELIC - COPOM). Em cenários de oscilação dos juros, alocações em fundos atrelados ao CDI/IRF-M1 trazem caráter defensivo à carteira de investimentos, porém estes índices não são aderentes a meta atuarial no longo prazo, contudo reduzem a volatilidade da carteira em relação às alterações nas taxas de juros e trazem maior liquidez ao portfólio. O atual ciclo de alta de juros favorece esta classe de fundos, pois os retornos absolutos tendem a ficar mais atrativos. **IMA-B.** Os ativos de vencimento mais curtos seguiram o comportamento da curva de juros nominais, além disso, a inflação implícita nesses papéis caiu. No entanto, os ativos de vencimento mais longos se beneficiaram da falta de liquidez do mercado e da alta demanda por proteção. **IMA-B 5.** Os ativos de vencimento mais curtos seguiram o comportamento da curva de juros nominais. Além disso, a inflação implícita nesses papéis caiu, impactando negativamente o rendimento do fundo. **IRFM 1.** Os ativos de vencimentos mais curtos foram impactados negativamente, mas o bom carregamento dos papéis garantiu um rendimento levemente abaixo do CDI. **Aplicações Financeiras.** Com a taxa de juros a 13,25%, e expectativa de que o aperto ainda não tenha acabado, o investimento em renda fixa (curto prazo) soa como uma boa opção para combinar rentabilidade e segurança na carteira de aplicações financeiras. No entanto, especialistas acreditam que é importante buscar outras opções de investimento em renda fixa (longo prazo) e listam cinco motivos para pensar em investimentos mais arriscados. 1-) A taxa de juros está muito alta: a Selic, em 13,25%, já está muito perto de seu teto, uma vez que está em patamares próximos ao que estava no início da crise em setembro de 2008. Não dá para a taxa de juros continuar subindo muito mais e quem antecipar esse movimento pode ganhar mais. Ainda é possível ter alguns aumentos, mas ela já está muito próxima do topo. 2-) O movimento da taxa é cíclico: a taxa de juros é elevada para conter a inflação, mas, na sequência, deve cair para estimular a economia e contribuir para o crescimento do país. Por conta desse ciclo que fica claro que essa comodidade da renda fixa de curto prazo deve acabar em algum momento. Especialistas aponta que, quando isso acontecer, o investidor precisará realocar seus investimentos para ganhar mais. Em 2012, a Selic atingiu o menor patamar de sua história, chegando a 7,25% ao ano e isso fez com que o investidor fosse procurar melhores retornos em fundos de longo prazo. 3-) Os mercados antecipam os movimentos: a migração pode ser feita gradualmente e com mais calma entre produtos conservadores para aplicações mais agressivas. Contudo, os maiores ganhos no mercado de fundos de longo prazo, acontecem antes de a economia se equilibrar e voltar a crescer com força. 4-) A melhora do mercado internacional: o clima no exterior é de melhora na economia. Com as taxas de juros e inflação baixas nos países desenvolvidos, o apetite a risco dos investidores estrangeiros aumenta. Esse movimento acaba impactando os mercados e podem trazer boas oportunidades de investimento. 5-) Superar a inflação: as aplicações de renda fixa de curto prazo, de modo geral, apenas preservam o poder de compra, protegendo da inflação. Os investidores ganham de verdade com investimentos de mais risco. Mesmo com a volatilidade maior dos fundos de renda fixa longo prazo, eles podem apresentar desempenho melhor em horizontes mais longos de tempo. **Perspectivas.** As previsões para a economia brasileira voltaram a piorar. Os economistas aumentaram sua estimativa para o comportamento da inflação, ao mesmo tempo que veem um encolhimento da economia brasileira, e estimaram uma alta maior da taxa básica de juros. A combinação de inflação e juros elevados, retração da atividade econômica, elevação do desemprego, e deterioração das contas públicas, trazem uma perspectiva negativa sobre a capacidade do governo em executar o ajuste necessário, diante da baixa coesão da base aliada no Congresso. Para o segmento de renda fixa, apesar uma redução do risco local, existem ainda alguns pontos de incertezas, que podem gerar ruídos nos mercados de juros nos próximos meses. O declínio da inflação e uma parada no ciclo de alta da Selic poderiam retirar o prêmio de risco nos vencimentos curtos, assim como o

The bottom of the page features four distinct handwritten signatures in blue ink. From left to right: the first is a stylized, circular signature; the second is a signature that appears to start with the word 'Aureo'; the third is a signature that looks like 'João'; and the fourth is a signature that appears to be 'João'.



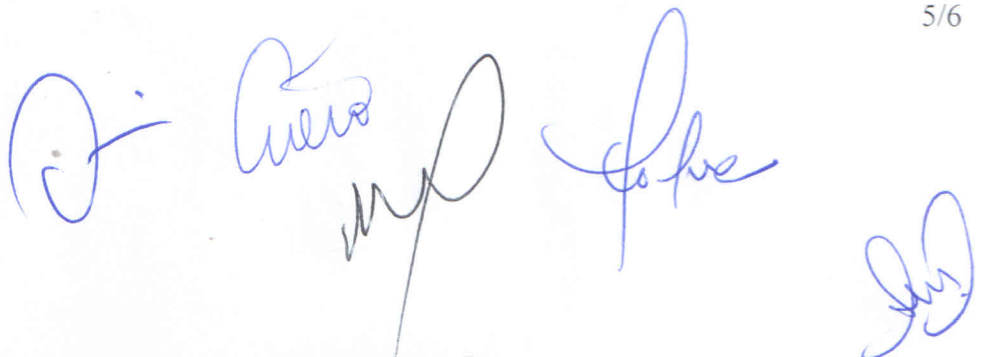
cenário mais fraco de atividade deveria justificar o patamar mais baixo da parte longa da curva. Finalmente, o cenário político pode ainda reservar mais surpresas para as alocações em juros locais. No segmento de renda variável, continua-se visualizando um cenário desfavorável em 2015. Nenhum indicador econômico sinaliza melhora para a bolsa, a projeção de crescimento do PIB brasileiro continua muito ruim e sendo revisada para baixo, juros alto, inflação alta dentre outros. O consumo das famílias pode não crescer no mesmo ritmo apresentado nos últimos anos. O risco de racionamento de água e de energia elétrica aumenta a cada dia (represas trabalhando em níveis baixíssimos e hidroelétricas trabalhando na capacidade máxima), risco que não parece estar sendo precificado no preço dos ativos. Todos esses fatores, aliado a um cenário desfavorável para economias emergentes (devido a incertezas com economias como a grega e russa) tornam o Brasil e a bolsa brasileira desinteressante para o investidor externo. Após o rally de abril, os mercados devem procurar se estabilizar no patamar atual ou até mesmo realizar lucros. A continuidade do desempenho positivo deve depender com mais força da sustentação do nível atual dos preços das commodities. O clima de cautela no mercado foi reforçado devido a conduta do Comitê de Política Monetária, que sinalizou que a autoridade monetária deverá estender o ciclo de aperto monetário para conter a inflação. A alta dos juros tira a atratividade do investimento em ativos de risco, como ações. Recomendação é de manter uma exposição reduzida e aguardar uma melhora nos fundamentos que justifique elevar o risco da carteira no curto e médio prazos.

**Desempenho dos principais índices de renda fixa e renda variável** no mês de abril: Dividendos (11,83%), Ibovespa (9,93%), IBRX-50 (9,67%), IMA-B 5+ (3,554%), Small Caps (-3,03%), IMA-B Total (2,439%), Patrimônio (1,454%), IRFM 1+ (1,234%), Meta Atuarial (1,20%), IRFM Total (1,092%), CDI (0,948%), IRFM 1 (0,84%), IMA-B 5 (0,46%) e Imobiliário (-3,42%). **Desempenho dos principais índices de renda fixa e renda variável** no primeiro quadrimestre de 2015: IBRX-50 (12,86%), Ibovespa (12,44%), Meta Atuarial (7,026%), IMA-B 5+ (6,483%), IMA-B Total (5,905%), Dividendos (4,88%), IMA-B 5 (4,843%), Patrimônio (4,664%), CDI (3,785%), IRFM 1 (3,631%), IRFM Total (3,162%), IRFM 1+ (2,898%), Imobiliário (2,21%) e Small Caps (-3,37%). A **Carteira de Investimentos do IPMU** apresentou **valorização dos ativos financeiros**, no fechamento do primeiro quadrimestre do ano, aumentado o patrimônio financeiro, que passou de **R\$ 224.568.231,85** (duzentos e vinte e quatro milhões quinhentos e sessenta e oito mil duzentos e trinta e um reais e oitenta e cinco centavos) em março, para **R\$ 227.834.431,91** (duzentos e vinte e sete milhões oitocentos e trinta e quatro mil quatrocentos e trinta e um reais e noventa e um centavos) em abril. **Meta Atuarial.** Apesar da valorização dos ativos financeiros, a meta atuarial não foi atingida devido a alta variação do índice de inflação: meta atuarial de 7,02% enquanto o crescimento financeiro foi de 4,66%, diferença negativa de 2,36% do patrimônio, o que representa R\$ 5.142.345,58 (cinco milhões cento e quarenta e dois mil trezentos e quarenta e cinco reais e cinquenta e oito centavos). Os **Fundos de Renda Fixa** apresentaram valorização acumulada de R\$ 6.666.550,29 (seis milhões seiscentos e sessenta e seis mil quinhentos e cinquenta reais e vinte e nove centavos). A **Carteira de Títulos Públicos** apresentou valorização acumulada de R\$ 2.751.965,10 (dois milhões setecentos e cinquenta e um mil novecentos e sessenta e cinco reais e dez centavos). Os **Fundos de Renda Variável** apresentaram valorização de R\$ 349.932,76 (trezentos e quarenta e nove mil novecentos e trinta e dois reais e setenta e seis centavos). **Diversificação dos investimentos:** a-) Fundos DI (R\$ 64.051.601,13 – sessenta e quatro milhões cinquenta e um mil seiscentos e um reais e treze centavos, correspondendo a 28,11% do PL), b-) Fundos IRFM 1 (R\$ 44.945.729,07 – quarenta e quatro milhões novecentos e quarenta e cinco mil setecentos e vinte e nove reais e sete centavos, correspondendo a 18,78% do PL), c-) Títulos Públicos IPCA (R\$ 44.464.363,90 – quarenta e quatro milhões quatrocentos e sessenta e quatro mil trezentos e sessenta e três reais e noventa centavos, correspondendo a 19,52% do PL), d-) Fundos IMA-B 5 (R\$ 22.663.534,92 – vinte e dois milhões seiscentos e sessenta e três mil quinhentos e trinta e quatro reais e noventa e dois centavos, correspondendo a 9,10% do PL), e-) Fundos IMA-B (R\$ 20.609.239,82 – vinte milhões seiscentos e nove mil duzentos e trinta e nove reais e oitenta e dois centavos, correspondendo a 9,95% do PL), f-) Títulos Públicos IGPM (R\$ 13.824.499,02 –





treze milhões oitocentos e vinte e quatro mil quatrocentos e noventa e nove reais e dois centavos, correspondendo a 6,07% do PL), g-) Fundos Crédito Privado IPCA (R\$ 11.932.556,00 – onze milhões novecentos e trinta e dois mil quinhentos e cinquenta e seis reais, correspondendo a 5,24% do PL), h-) Fundos Ibovespa (R\$ 2.899.792,93 – dois milhões oitocentos e noventa e nove mil setecentos e noventa e dois reais e noventa e três centavos, correspondendo a 1,27% do PL) e i-) Fundos Ibx-50 (R\$ 2.443.115,12 – dois milhões quatrocentos e quarenta e três mil cento e quinze reais e doze centavos, correspondendo a 1,07% do PL). **Aplicação de recursos por Instituição Financeira:** a-) Caixa Econômica Federal (R\$ 47.840.503,01 - quarenta e setes milhões oitocentos e quarenta mil quinhentos e três reais e um centavos, correspondendo a 21,00% do PL), b-) Santander (R\$ 36.602.475,26 (trinta e seis milhões seiscentos e dois mil quatrocentos e vinte e seis reais e vinte e seis centavos, correspondendo a 16,07% do PL), c-) Itaú (R\$ 33.954.756,76 - trinta e três milhões novecentos e cinquenta e quatro mil setecentos e cinquenta e seis reais e setenta e seis centavos, correspondendo a 14,90% do PL), d-) Banco do Brasil (R\$ 31.660.212,14 - trinta e um milhões seiscentos e sessenta mil quatrocentos e doze reais e catorze centavos, correspondendo a 13,87% do PL) e e-) Bradesco (R\$ 19.547.621,83 (treze milhões quinhentos e quarenta e sete mil seiscentos e vinte e um reais e oitenta e três centavos, correspondendo a 8,58% do PL). A carteira de Títulos Públicos encerrou o mês com R\$ 58.288.862,92 (cinquenta e oito milhões duzentos e oitenta e oito mil oitocentos e sessenta e dois reais e noventa e dois centavos) correspondendo a 25,58% do PL. **Duration das Aplicações.** No encerramento do primeiro quadrimestre do ano, 49,81% das aplicações estavam alocadas em fundos de longo prazo, 47,84% das aplicações estavam alocadas em fundos de curto prazo e 2,35% das aplicações financeiras alocadas em renda variável. **Enquadramento das Aplicações Financeiras.** Com exceção das aplicações no segmento de fundos de crédito privado (desenquadramento passivo), todas as demais aplicações financeiras estão enquadradas conforme Resolução CMN 3.922/2010. **Fundos de Crédito Privado.** As aplicações nos Fundo de Investimentos – Renda Fixa Crédito Privado estão em desacordo com o artigo 7º, inciso VII, alínea b (aplicação superior a 5% do total dos recursos) desde maio de 2013: 5,04% (maio/13), 5,22% (junho/13), 5,17% (julho/13), 5,29% (agosto/13), 5,26% (setembro/13), 5,17% (outubro/13), 5,14% (novembro/13), 5,36% (dezembro/13), 5,36% (janeiro/14), 5,20% (fevereiro/14), 5,19% (março/14), 5,17% (abril/14), 5,10% (maio/14), 5,11% (junho/2014), 5,10% (julho/2014), 4,99% (agosto/2014), 5,12% (setembro/2014), 5,11% (outubro/2014), 5,08% (novembro/2014), 5,15% (dezembro/2014), 5,15% (janeiro/2015), 5,17% (fevereiro/2015), 5,24% (março/2015) e 5,24% (abril/2015). **Rentabilidade dos fundos de investimentos.** No fechamento do primeiro quadrimestre do ano, quatro aplicação financeira conseguiu superar a meta atuarial de 7,02%, enquanto onze aplicações financeiras ficaram abaixo da meta atuarial: Santander Ibovespa (11,50%), Santander Seleções Top Ações (9,01%), Caixa IBRX-50 (7,28%), Títulos 2015 (7,03%), Títulos 2024 (6,93%), Caixa Brasil IPCA X (6,36%), Caixa Brasil IPCA XII (6,35%), Itaú IMA-B (5,75%), Títulos 2021 (5,47%), Santander IMA-B 5 (4,74%), Bradesco DI (3,84%), Santander DI (3,83%), Caixa DI (3,81%), Itaú IRFM 1 (3,68%) e Brasil IRFM 1 (3,49%). **Desempenho financeiro dos Fundos de Investimentos em Renda Variável:** Caixa IBRX-50 (desvalorização acumulada de R\$ 1.056.885,58 - um milhão cinquenta e seis mil oitocentos e oitenta e cinco reais e cinquenta e oito centavos), Santander Ibovespa Ativo (desvalorização acumulada de R\$ 246.367,00 - duzentos e quarenta e seis mil trezentos e sessenta e sete reais) e Santander Seleções Top Ações (valorização acumulada R\$ 50.159,93 - cinquenta milhões cento e cinquenta e nove reais e noventa e três centavos). **DELIBERAÇÕES.** Reformulação da carteira de investimentos, buscando melhor diversificação e maior eficiência na obtenção dos retornos exigidos pelo objetivo de investimentos, levando em consideração as perspectivas do mercado para curto e médio prazo e principalmente o perfil conservador do IPMU. **ESTRATÉGIA DE APLICAÇÃO. 1-) Fundos de Ações.** Migrar o valor total aplicado no fundo Santander Seleções TOP para o fundo Santander FI Ibovespa Institucional Ações. O fundo Santander Seleções TOP apresenta performance inferior, alto valor de taxa de administração, cobra taxa de performance e está com estratégia de aplicação muito próxima

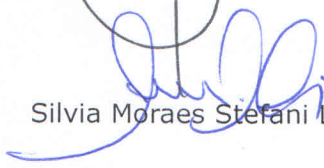




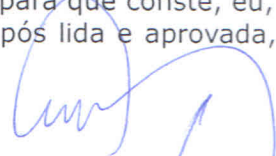
ao do fundo Santander FI Ibovespa Institucional Ações, que vem apresentando retorno mais satisfatório. **2-) Fundos DI.** Migrar o valor total aplicado no fundo Santander Corporte DI da conta previdenciária para o fundo Bradesco FI Referenciado DI Premium, considerando a melhor performance do fundo nos períodos analisados. **3-) Fundos IMA-B.** Migrar R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais) do fundo ITAÚ Soberano IRFM 1 para o fundo ITAÚ Institucional IMA-B. A melhora das condições macroeconômica no médio e longo prazo, visualiza a possibilidade de realizar reposicionamento da estratégia para investimentos nos vértices mais longos, de forma gradativa, visando formar um preço médio para a carteira. Apesar do caráter defensivo na alocação dos recursos do IPMU, como forma de proteger o capital no curto prazo, devido a percepção de que a elevada volatilidade no decorrer de 2015, se faz necessário antecipar movimentos econômicos, redirecionando recursos para fundos de longo prazo, considerando o retorno demonstrado nas últimas análises. **4-) Recursos novos** (contribuição previdenciária patronal e servidor, pagamento da parcela da dívida previdenciária e compensação previdenciária) deverão ser aplicados no fundo Bradesco FI Referenciado DI. **5-) Resgate para a pagamento da folha** dos aposentados e pensionistas, deverá ser realizado do fundo Caixa Brasil Referenciado DI. **6-) Acompanhamento da performance** do fundo BB Previdenciário Renda Fixa IRFM 1 (3,498%), ITAÚ Soberano IRFM 1 (3,68%) e Bradesco IRFM 1 (3,722%), para possíveis migrações. **7-) Manutenção das demais aplicações** financeiras. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião e para que conste, eu, Sirleide da Silva, que secretariei os trabalhos, lavrei a presente ata que após lida e aprovada, vai por mim assinada, e pelos demais.



Flávio Bellard Gomes



Silvia Moraes Stefani Lima



Cícero José de Jesus Assunção



Osieo Hecher



Sirleide da Silva